

EMPODERAMENTO FEMININO E SUA REPRESENTATIVIDADE NO CAMPO DA ARQUITETURA E URBANISMO

Maria da Conceição Buregio Gomes¹
Layane G. de Moura Maciel²
Patrícia Carneiro da Silva³

RESUMO

A pesquisa acerca do empoderamento da mulher com ênfase no campo da Arquitetura e Urbanismo, no Brasil e no mundo, revela um cenário de crescente atuação feminina, onde as mulheres, apesar de serem maioria em universidades e na profissão, ocupam papéis limitados nos cargos de chefia devido a padrões patriarcais enraizados numa sociedade machista e sexista. O objetivo deste trabalho é mostrar a perspectiva onde as artistas que lutaram pelo palco (sua presença nos dias atuais ainda é custosa) sempre ficaram nos bastidores, quase invisíveis. Além de frisar a desigualdade no âmbito profissional, não poderíamos deixar de enaltecer arquitetas que fizeram seus nomes com muita persistência e sem medo de se exporem, lutando pela valorização dos seus trabalhos, tais como Zaha Hadid, Lina Bo Bardi, Janete Costa e Marion Griffin (que só teve reconhecimento 100 anos após a sua morte), entre outras grandes personalidades da área que citaremos neste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Empoderamento. Mulher. Arquitetura. Desigualdade.

1. Introdução

O estudo exposto, baseia-se em pesquisa realizada pelas alunas do curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA, Maria da Conceição Buregio Gomes¹, Layane G. de Moura Maciel² e Patrícia Carneiro da Silva³, no ano de 2022.

Com o objetivo de dissertar a respeito do empoderamento feminino e sua representatividade no campo da Arquitetura e Urbanismo, constatou-se através do estudo, que embora a maior parte dos registros profissionais na área sejam de mulheres, na prática, elas têm baixa representatividade nas entidades profissionais e ainda ocupam poucos postos de protagonismo. Segundo dados recentes do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU) - 63,10% dos registros profissionais no país são de mulheres e essa predominância tende a aumentar nos próximos anos, uma vez que, a parcela de graduandas no curso é em torno de 67%.

Deste modo, torna-se evidente a luta pelo reconhecimento das mulheres no campo da Arquitetura e Urbanismo, no qual temos grandes personalidades muliebres que se sobressaem em seus projetos, demonstrando através de seus trabalhos a importância do empoderamento feminino no ramo e nos dando esperança de um futuro mais igualitário, em que arquitetas finalmente terão a oportunidade de alcançar a projeção devida no cenário profissional.

¹ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Ciências Humanas – ESUDA

³ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Faculdade de Ciências Humanas - ESUDA

Neste sentido, com a ascensão dos movimentos feminista pelo mundo e a partir de publicações e exposições dedicadas às mulheres, gostaríamos de salientar alguns nomes importantes para a história da arquitetura, pois, até meados do século XX, poucas mulheres se aventuraram na profissão e menos ainda aquelas que tiveram o reconhecimento como protagonistas. Dentre as que alcançaram este feito, e as grandes arquitetas de peso que citaremos ao longo desta pesquisa, daremos destaque a: Marion Mahony Griffin (1871-1961) - primeira mulher no mundo a exercer a profissão de Arquiteta; Zaha Hadid (1950-2016) – primeira mulher a conquistar o Prêmio Pritzker, a maior honraria da arquitetura internacional. Em questão de gênero, somente seis mulheres figuram na seleta lista do prêmio; Lina Bo Bardi (1914-1992) - uma das personalidades mais importantes no cenário nacional e internacional, sendo apresentada como arquiteta, designer de móveis, ativista, escritora, educadora e curadora; Janete Costa (1932 – 2008) - pernambucana apaixonada pela cultura e pela diversidade brasileira, exaltava o artesanato nacional. Essa articulação entre arte popular e arquitetura de interiores lhe rendeu reconhecimento mundial.

2. Feminismo e o Empoderamento da mulher

É necessário entender que, embora se tenha a tentativa de naturalizar as diferenças entre homens e mulheres, hoje, ainda que o debate feminino tenha avançado e obtido uma série de conquistas, a história das mulheres está marcada pela ideia de inferioridade, ideologia que remonta os tempos mais idos da raça humana na terra.

Cardoso e Fonseca (2017) afirmam que processo de defesa dos direitos das mulheres vem ganhando bastante força desde o século XIX, essa batalha feminina inicia com o movimento sufragista, onde as mulheres buscam seus direitos políticos, almejando o direito ao voto e a possibilidade de concorrer a cargos eleitorais, num ensaio de firmar direitos que estavam limitados/excluídos constitucionalmente. Dentre as importantes conquistas atribuída ao grupo foi a Legislação Trabalhista de proteção ao trabalho feminino, uma vez que essa buscava assegurar a existência de várias entidades recreativas e associativa com o objetivo de lutar pelos direitos feminis.

Cardoso e Fonseca (2017), constataam que o movimento feminista brasileiro vai além da busca por lidar com a opressão de gênero, mas também discutir questões de sexualidade e adequação social, pois quando o assunto era divisão de atividades, por gênero, as mulheres pretendiam discutir estereótipos pensados, ao passo que faziam uso

de representações das atividades domésticas e maternas como justificativas por suas demandas.

O empoderamento feminino é uma consequência do movimento feminista. Nos últimos anos o termo “empoderamento da mulher” vem ganhando muita visibilidade, decorrente as demandas midiáticas e das redes sociais. A definição de Empoderamento feminino, que exemplifica de forma muito pontual e precisa o termo numa análise feminista, é dada por Cecília Sardenberg ao afirmar que:

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres é o processo conquista da autodeterminação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e Um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal. (SARDENBERG, 2006, p. 2)

De acordo com Cardoso e Fonseca (2017) com ênfase nos ideias de Magalhães (2015), percebe-se que as mulheres se empoderaram através de seus relatos nas redes, resultando um fortalecimento uma das outras, tornando uma luta por respeito com base em um sentimento de irmandade.

Gomes (2021) enfatiza a ideia que o mercado de trabalho no Brasil se intensificou para as mulheres na década de 1970, mas esse espaço acompanha muito preconceito, discriminação e precarização do trabalho feminino, que até os dias de hoje, lida diretamente com diferenças salariais e de colocações, mesmo exercendo a mesma função, a valorização desta se dá por meio do sexo/gênero. Silva e Gitahy (2006) expõe que:

Enquanto atividades masculinas passariam a exigir mais responsabilidade, trabalho em grupo e competência técnica; as atividades exercidas majoritariamente por mulheres permaneceriam sendo controladas segundo modelos tayloristas de organização do trabalho e obedecendo a cadências e ritmos impostos por linhas de montagem. (SILVA; GITAHY, p. 29 apud GOMES, 2021, p. 2).

3. Como o empoderamento feminino vem transformando o mercado da arquitetura

Graças ao empoderamento da mulher na arquitetura, desempenhando diferentes funções com bastante inteligência intelectual e emocional, a visão machista e ultrapassada de sexo frágil, está se dissolvendo. Buscando sempre o protagonismo no mercado, é necessário empenho e disposição para se exhibir, expor seus trabalhos e tornar-los sua marca, visando sempre a melhoria de vida da sociedade como um todo. Apesar de ocupar poucos postos de protagonismo na arquitetura, mesmo sendo maioria na classe, as mulheres vêm conquistando espaços cada vez mais importante na área.

Segundo a arquiteta Catherine Otondo (2021) presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) paulista, é essencial que as mulheres se estruturam para ocupar cada vez mais espaço.

A arquiteta, Catherine Otondo, foi a primeira mulher eleita para presidência na história da autarquia paulistana, onde fez parte de uma chapa 100% feminina, formada por 156 mulheres, Otondo (2021) expõe que:

As estruturas políticas são verticais, patriarcais e com o comando de uma figura central que lidera tudo. Nós, mulheres, não trabalhamos assim, nós pensamos no coletivo. É importante ocupar estes espaços porque precisamos transformar este jeito de fazer política que a gente não se reconhece mais. (Casa Vogue, 2021, p. 3)

Podemos citar vários nomes que representam o empoderamento da mulher na arquitetura. Uma que se destaca por ser a primeira a receber o prêmio mais importante da área, Zaha Hadid, com o Prêmio Pritzker (2004), primeira mulher a receber, a Medalha de Ouro do British Architects Gold Medal (2016) e a receber o título de Dama do Império Britânico (2012) e ganhou dezenove vezes o RIBA Stirling Prize. Se intitula feminista, e frisa o quanto batalhou para se destacar num mercado machista. Segundo Zaha Hadid (2012):

Sim, sou feminista porque acho todas as mulheres inteligentes, talentosas e duras. Acredito na habilidade feminina; e no poder e na independência femininas. Antes eu não gostava que me chamassem de arquiteta mulher. O importante é que sou arquiteta, o fato de ser mulher é uma informação secundária. Mas talvez isso tenha ajudado outras mulheres, inspirando-as a escolher uma profissão e fazer algo a respeito, especialmente em um campo considerado não apto para mulheres. (Interview Rússia, outubro de 2012 apud CAU/DF, 2019)

Porém, não podemos deixar de citar arquitetas que, mesmo fazendo todo o trabalho duro, não aparecem de forma correta ou muito menos são mencionadas, estas são algumas arquitetas invisíveis: Lilly Reich, morreu na pobreza e anonimato, enquanto Mies van Der Rohe, ascendia aos mestres do panteão; Eileen Grei, executora da obra prima casa E-1027, todos os méritos foram para Le corbusier; Denise Scott Brown, sócia do marido Robert Venturi que aceitou o prêmio Pritzker 1991, sem sequer, mencioná-la; Lina Bo Bardi, pouco reconhecimento, muitas vezes nem citada.

Assim, reforçando o que foi dito a cima *“Mulheres são como fantasmas na arquitetura moderna: presentes em todos os lugares, cruciais, mas estranhamente invisíveis.”* (COLOMINA, 2010 apud ARQUITETAS INVISÍVEIS, 2015)

De acordo com o Conselho de Arquitetura e Urbanismos do Distrito Federal (CAU/DF 2019), O Brasil possui atualmente 167.060 arquitetos e urbanistas ativos e

registrados no CAU. A maioria, 63,10% (105.420) são mulheres, enquanto 36,90% (61.640) são homens. Em 2018, os percentuais eram respectivamente de 62% e 38%. Essa predominância tende a aumentar nos próximos anos, uma vez que a parcela de mulheres entre estudantes é bem maior: 67%. No entanto, as mulheres têm baixa representatividade nas entidades profissionais.

O CAU ressaltou que as arquitetas e urbanistas são a maioria entre os profissionais que emitem RRTs (Registros de Responsabilidade Técnica) de projetos ou obras até o número de 50 por ano. Com 47%, quase se igualam aos homens na emissão de mais de 50 RRTs por ano.

Segundo o número crescente da mulher na arquitetura, a história provavelmente será alterada, pois, mesmo com o machismo e o sexismo enfrentado durante décadas, a mulher inquestionavelmente, tende a ocupar cada vez mais espaço no mercado de trabalho.

4. Arquitetas de destaque na história

4.1 Marion Mahony Griffin (1871-1961) - primeira mulher no mundo a exercer a profissão de Arquiteta.

Nasceu em fevereiro de 1871, em Chicago, EUA e estudou no renomado Massachusetts Institute of Technology (MIT), onde se fez ser ouvida em salas em que era a única figura feminina. Desta forma, tornou-se em 1894, a segunda mulher a se formar como arquiteta no mundo e a primeira a exercer a profissão. A primeira a se formar, Sophia Hayden, desistiu de seguir o caminho da arquitetura, devido à frustrações da profissão e ao machismo predominante a época.

Durante toda sua vida profissional, Marion esteve à sombra de homens que eram seus chefes, como o renomado Frank Lloyd Wright (o criador da chamada arquitetura orgânica) com o qual trabalhou durante quase 15 anos. Projetou casas, edifícios, móveis, vitrais, painéis decorativos e desenhou várias perspectivas em aquarela. Porém, apesar de todo esse talento da jovem arquiteta, todos os créditos do que realizava no escritório eram sempre destinados a Wright. No entanto, recentemente seus trabalhos foram reconhecidos pelos historiadores atuais, compreendendo cerca de metade dos desenhos creditados a Lloyd Wright.

Em 1911, Marion Mahony se casou com o arquiteto e paisagista Walter Burley Griffin. Após o casamento, a arquiteta decidiu sair do escritório de Wright para trabalhar com Griffin, ficando mais uma vez à sombra de um profissional masculino, chegando a citar que estava feliz por ser a “escrava útil” do marido. As aquarelas desenhadas pela arquiteta para o concurso de projeto urbanístico em Canberra, na Austrália, foram essenciais para a vitória da equipe, o que marcou a vida dos dois. Mais uma vez, essa contribuição feminina só foi reconhecida tardiamente.

Anos depois, o casal se mudou para a Índia, porém, em 1937, após a morte do seu marido, ela decidiu finalizar os trabalhos por lá e voltar para os Estados Unidos. Nos anos em que seguiu como viúva, continuou atuando na arquitetura, projetando, escrevendo e dando palestras. Marion Mahony Griffin faleceu em 1961, aos 90 anos, em Chicago, e somente um século após a sua morte, é que a talentosíssima arquiteta recebeu reconhecimento como a maior desenhista de arquitetura da sua geração.

4.2 Zaha Hadid (1950-2016) – “A rainha das curvas”

Nascida em Bagdá no Iraque em 1950, mulher árabe naturalizada britânica, é uma das referências máximas da arquitetura contemporânea. Seu nome é reconhecido mundialmente por conta de seu design desconstrutivista, sinuoso e sempre buscando inspiração na natureza.

Hadid inicialmente se formou em Matemática, na Universidade Americana de Beirute, no Líbano. Entretanto, em 1972, aos 22 anos, iniciou os estudos em arquitetura na Architectural Association School of Architecture’s, em Londres. Nos anos 80, fundou seu próprio escritório Zaha Hadid Architects, o que fez com que seu nome se tornasse reconhecido mundialmente na área.

Em 2004, se tornou a primeira mulher a conquistar o Prêmio Pritzker, a maior honraria da arquitetura internacional, além da medalha de ouro do Royal Institute of British Architects (2016). O papel das mulheres na arquitetura sempre foi uma preocupação de Zaha Hadid e em seu discurso, ao receber a medalha de ouro, expressiu uma das suas mais famosas frases em defesa das mulheres na Arquitetura: *“Hoje em dia vemos o tempo todo mais arquitetas estabelecidas. Mas isto não significa que seja fácil. Às vezes os desafios são imensos. Houve uma mudança tremenda nos últimos anos e vamos continuar com este progresso”*. (HADID, 2004 apud VIVA DECORA, 2021)

Por conta do seu brilhante legado na arquitetura contemporânea, Zaha foi contemplada 19 vezes em diversas categorias do RIBA (Royal Institute of British Architects) - uma das premiações mais respeitadas da Europa e, em 2012, foi eleita Dama da Ordem do Império Britânico - uma das mais significativas honras do Reino Unido. A visão pioneira de Zaha Hadid redefiniu a arquitetura para o século XXI. Cada um dos seus projetos transformou noções do que pode ser alcançado em aço, concreto e vidro.

Com obras em diversos cantos do mundo, possui em seu portfólio diversos projetos de grande destaque para a Arquitetura, dentre estes podemos destacar: Centro Aquático de Londres, Olimpíadas de 2012; Guangzhou Opera House na China, 2011; Centro Rosenthal de Arte Contemporânea nos Estados Unidos, 1998 (Com a abertura do centro, Zaha Hadid se tornou a primeira mulher a projetar um museu de arte americano) e o Museu Maxxi, primeiro museu de arte contemporânea de Roma, 1998;

4.3 Lina Bo Bardi (1914-1992)

Achillina Bo, mais conhecida como Lina Bo Bardi nasceu em Roma, mas foi uma arquiteta ítalo-brasileira, naturalizada no Brasil após a Segunda Guerra Mundial. É uma das personalidades mais importantes no cenário nacional e internacional, sendo apresentada como arquiteta, designer de móveis, ativista, escritora, educadora e curadora. Morou em São Paulo e na Bahia e manteve intensa produção cultural até o fim de sua vida.

A integração entre culturas, concreto e natureza, e a ressignificação de espaços abandonados pela expansão das cidades são ideias que ela valorizou e pôs em prática. Lina também se destaca pelo uso de diferentes materiais, como o barro e a palha. No design de móveis, é reconhecida por utilizar as formas simples do modernismo e a padronização, mas sem esquecer de valorizar a cultura e o artesanato brasileiros.

Lina gostava do popular, onde o convívio, a clareza e a simplicidade se tornaram suas maiores características. Entre suas principais obras estão: Casa de Vidro/ Instituto Lina Bo e Pietro Maria Bardi, São Paulo (1951) – sede do seu Instituto e que abriga um museu aberto à visitação; Museu de Arte de São Paulo, São Paulo (1968); Casa do Chame-Chame, Salvador (1964); Casa Valéria Cirelli, São Paulo (1965); Solar do União/ Museu de Arte Moderna da Bahia, Salvador (1963); Igreja do Espírito Santo do Cerrado, Minas Gerais (1976); SESC Pompeia – Fábrica, São Paulo (1977); Reforma do Teatro Politeama, Jundiaí (1986); Teatro Oficina, São Paulo (1990); Reforma do Palácio das

Indústrias, São Paulo (1992) – inconclusa; Projeto da reforma da Casa Benin em Salvador, Bahia, concluído em 2014.

4.4 Janete Costa (1932 – 2008)

Janete Ferreira da Costa nasceu em Garanhuns/PE. Durante a infância e adolescência, viveu em João Pessoa/PB, Paulista/PE e em Natal/RN. Aos 20 anos, em 1952, mudou-se para o Recife/PE, onde iniciou os estudos no Curso de Arquitetura da Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP) e só em 1961 completou o curso de arquitetura na Faculdade Nacional de Arquitetura em Niterói/RJ, trabalhando principalmente na área da arquitetura de interiores.

Janete foi apaixonada pela cultura e pela diversidade brasileira e exaltava o artesanato nacional. Em 1960, abriu a loja de móveis Escala em Niterói/RJ, onde, junto com outros sócios, lançou sua primeira linha de móveis, intitulada Senzala. Em 1969, voltou ao Recife, onde se casou com o arquiteto carioca Acácio Gil Borsoi e fixaram residência em Olinda/PE.

Essa articulação entre arte popular e arquitetura de interiores lhe rendeu reconhecimento mundial, no qual promoveu exposições em países como Portugal, Estados Unidos e França. Entre seus projetos mais importantes estão: o projeto do Centro Administrativo de Uberlândia (MG), em coautoria com Acácio Gil Borsoi, Marco Antonio Borsoi, Rosa Maria Aroucha e Milton Leite Ribeiro (1989); o lançamento do livro “Interiores” e a exposição no Rio Design Leblon em comemoração aos seus 30 anos de carreira (1993); comandou o projeto de restauro do Teatro Arthur Azevedo e do Palácio dos Leões, ambos em São Luís/MA (1994), desenhou a poltrona “Roberta” para o ambiente Restaurante da mostra CASACOR Pernambuco, em Recife (1998) e participou dos projetos de interiores no restauro da Igreja São Lourenço dos Índios e do Solar do Jambeiro, ambos em Niterói/RJ (2001). Janete também atuou na curadoria e organização de diversas exposições, entre elas: exposições sobre Joaquim Tenreiro no Museu de Arte Contemporânea de Niterói (RJ), no Parque Ibirapuera, em São Paulo (SP) e em Lisboa-Portugal.

Pelo seu destaque no âmbito cultural, recebeu em 2006 a Medalha João Ribeiro concedida pela Academia Brasileira de Letras e a Medalha da Ordem do Mérito Guararapes - a mais alta comenda concedida pelo Governo do Estado de Pernambuco. Em 2007, recebeu o prêmio “Mulheres mais influentes do Brasil”, quarta edição, na

categoria Arquitetura e Decoração. Em 2008, ano de seu falecimento, foi inaugurado o espaço Janete Costa no Museu do Homem do Nordeste/PE e em 2012 foi inaugurado o Museu Janete Costa de Arte Popular, Niterói/RJ.

5. Considerações Finais

Após breve contorno na história, observa-se que as mulheres tiveram que lutar constantemente por melhores condições de vida e por reconhecimento profissional. Por mais que se tenha uma tentativa de neutralização das diferenças de gênero, a realidade vivida por elas é de uma sociedade machista com sua cultura enraizada e regada pela ideia de inferioridade da mulher em relação ao homem.

Concomitante com a progressão dos movimentos feministas pelo mundo, destacamos o empoderamento feminino, que tem ganhado bastante visibilidade no decorrer dos últimos anos. É plausível que as mulheres são um papel de importante relevância em diversas carreiras profissionais e no âmbito da arquitetura não poderia ser diferente.

Segundo o CAU/BR (2020), o espaço das mulheres na arquitetura ainda é um mundo inferior, repleto de desvalorização e constante descrédito.

Embora se tenha poucas menções de arquitetas na história da arquitetura - espaço no qual estas sempre estiveram presentes - mesmo às sombras dos homens, contribuindo no ganho de premiações e cargos de visibilidade, é importante fomentar a importância da representatividade feminina na profissão.

O presente estudo sugere uma volta ao passado para entender como se dá o processo do empoderamento feminino, no qual, é um movimento que encoraja as mulheres a terem voz. Utilizamos como base as conquistas de renomadas arquitetas que foram protagonistas dos seus próprios feitos e buscamos, com este trabalho, aplicar como instrumento de incentivo para que todas as novas e futuras arquitetas, não sejam invisíveis.

REFERÊNCIAS

- BAGGIO, Victória. **Marion Mahony Griffin** – Biografia e obras. 14 mar 2022. Disponível em: <https://live.apto.vc/marion-mahony-griffin-obras/> Acesso em: 22 de maio de 2022.
- CARDOSO, Fernando da Silva. FONSECA, Ingrid Iramaia Alves. **Ciberativismo, empoderamento feminino e novas dinâmicas de enfrentamento à violência de gênero contra à mulher**. Revista eletrônica direito e sociedade REDE. Canoas, V. 6, N. 1, 2018.
- CAU/BR. **Janete Costa**: A marca da cultura popular na arquitetura pernambucana. 1 mar de 2018. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/janete-costa-projeto-no-impeto-na-emocao-na-paixao/>
- CAU/BR. **1º Diagnóstico de gênero na arquitetura e urbanismo**. Comissão Temporária de Equidade de Gênero, v.01, 2020. Disponível em: https://www.caubr.gov.br/equidade/?page_id=382 Acesso em 30 de maio de 2022.
- CAU/DF. **Visão completa sobre a presença da mulher na arquitetura e urbanismo**. Distrito Federal. 2019. Disponível em: <https://caudf.gov.br/visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/> Acesso 30 de maio 2022
- CAU/SC. **Mulheres na Arquitetura**. Projeto Câmara temática. Santa Catarina. 2017 Disponível em: <https://www.causc.gov.br/projetos/camaras-tematicas/ct-mulheres/#:~:text=O%20Projeto%20C%3%A2mara%20Tem%3%A1tica%20%E2%80%9CMulheres,contribui%3%A7%C3%A3o%20para%20as%20transforma%C3%A7%C3%B5es%20sociais> Acesso 01 de junho de 2022
- CONTE, Mariana. **Mulheres na Arquitetura**: A pernambucana Janete Costa. 25 set 2017. Disponível em: <https://casaclaudia.abril.com.br/arquitetura/mulheres-na-arquitetura-a-pernambucana-janete-costa/> Acesso em 24 de maio de 2022.
- DELAQUA, Victor. **Coletivo Arquitetas invisíveis lança a segunda edição da sua revista sob o tema “nas sombras”**. 2018. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/890393/coletivo-arquitetas-invisiveis-lanca-a-segunda-edicao-de-sua-revista-sob-o-tema-nas-sombras> Acesso 01 de junho de 2022
- DORTA, Fernanda. **Empoderamento feminino na arquitetura e construção**. Margem arquitetura. Florianópolis – RS. 2017. Disponível em <https://margemarquitetura.com.br/empoderamento-feminino-na-arquitetura-e-construcao/> Acesso 01 de junho de 2022.
- Estudantes da Universidade de Brasília de arquitetura e Urbanismo. **Arquitetas Invisíveis**. Brasília – DF. 2015. Disponível em: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/> Acesso em: 22 de maio de 2022
- FIEDERER, Luke. Traduzido por SOUZA, Eduardo. **Clássicos da Arquitetura**: Centro Rosenthal de arte contemporânea/ Zaha Hadid Architects. (AD classic: Rosenthal center for conteporany art/ Zaha Hadid Architects). 12 dez 2016. Disponível em:

<https://www.archdaily.com.br/br/801273/classicos-da-arquitetura-centro-roenthal-de-arte-contemporanea-zaha-hadid-architects> Acesso em 22 de maio de 2022.

GOMES, Glaucy Hellen Herdy Ferreira. **Mulheres na arquitetura.** Neutralidade política e a invisibilização das pluralidades na profissão. 2021.

MARIN, Jorge. **Marion Mahony:** A 1ª arquiteta do mundo esquecida pela história. 14 de mar 2022. Disponível em: <https://www.megacurioso.com.br/ciencia/118385-marion-mahony-a-1-arquiteta-do-mundo-esquecida-pela-historia.htm> Acesso 01 de junho de 2022

NEIVA, Simone. **Maria do Carmo Schwab:** A primeira arquiteta capixaba. 08 mar 2015 atualizado em 08 mar 2020. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/direitos/maria-do-carmo-schwab-a-primeira-arquiteta-capixaba> Acesso em 02 de junho de 2022.

OLIVEIRA, Giovanna. OTONDO. Catherine. Casa Vogue. **Maioria na arquitetura, mulheres enfrentam série de desigualdades no trabalho.** 08 mar de 2021. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/Arquitetura/Gente/noticia/2021/03/maioria-na-arquitetura-mulheres-enfrentam-serie-de-desigualdades-no-trabalho.html> Acesso 20 de maio de 2022.

PORTOBELLO. ARCHTRENDS. **Prêmio Pritzker e o empoderamento em 2020.** 2020. Disponível em: <https://archtrends.com/blog/premio-pritzker-2/> Acesso 29 de maio 2022.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando empoderamento na perspectiva do Feminista.** Bahia, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/6848/1/Conceituando%20Empoderamento%20na%20Perspectiva%20Feminista.pdf> Acesso 12 de maio de 2022.

TODESCHINI. **Mulheres na Arquitetura:** Uma reflexão necessária. 8 mar 2021. Disponível em: <https://www.todeschini.com.br/blog/mulheres-na-arquitetura-uma-reflexao-necessaria/#:~:text=Ainda%20mais%20se%20considerarmos%20que,73%25%20do%20total%20de%20profissionais>. Acesso em 24 de maio de 2022

TRAAMA, arquitetura e design. **Mulheres na Arquitetura.** Goiás – Go. 2019. Disponível em: <https://traama.com.br/mulheres-na-arquitetura/> Acesso 01 de junho de 2022.

VIVA DECORA PRO. **Zaha Hadid:** Conheça a trajetória da rainha das curvas na arquitetura. 07 out 2021. Disponível em: <https://www.vivadecora.com.br/pro/zaha-hadid/>